

Carta ao redator do *Gazzettino Rosa*¹

1-2 de janeiro de 1872

Locarno, Suíça

Cidadão Redator,

Desde o dia em que você teve a gentileza de abrir as colunas de seu simpático jornal à minha resposta aos ataques, mais maliciosos na intenção do que na execução, do Sr. Onnis Brusco, muitas calúnias bobas foram publicadas contra mim por vários apóstolos da religião mazziniana.

Eu não respondi por duas razões. A primeira, é que sinto uma verdadeira repugnância de falar de mim mesmo e de me colocar em evidência em uma polêmica que só deveria ter como objeto os princípios eternos da justiça e a grande causa do proletariado. Nesta resposta ao Sr. Onnis Brusco, já tive ocasião de afirmar que não me considero de modo algum como um inventor de novas verdades e princípios, que nunca criei sistemas; e agora acrescentarei que nunca me coloquei como chefe de partido, nem como membro muito influente e muito importante da Internacional, tendo sempre me contentado em ser um aderente apaixonadamente dedicado. Direi ainda outra coisa: o campo da Internacional, o objetivo que ela se propôs, é tão amplo que há espaço para o pleno exercício da atividade de todos; mas não pode haver espaço para a dominação ou mesmo para a liderança de ninguém.

A Internacional é a obra verdadeiramente coletiva do proletariado. Que todos os partidos políticos propriamente ditos, mesmo os mais avançados (os mais vermelhos, os mais revolucionários) e os mais populares, se preocupem muito com assuntos pessoais é uma coisa perfeitamente natural. Mesmo a política mais revolucionária tem por objetivo a conquista dos poderes do Estado, e quem diz Estado, diz domínio e competição dos dominadores, cada indivíduo com um pouco de visão arde com o desejo de governar as massas, o rebanho humano, sem dúvida para a maior felicidade do rebanho, e acaba sempre o abandonando, seja em benefício de sua ambição e vaidade, seja em benefício de sua ganância. Esta é uma história antiga; uma história que será sempre renovada com uma lógica fatal, enquanto houver Estados. É por isso que nós, socialistas-revolucionários, levamos muito a sério a abolição do Estado.

O socialismo da Internacional quer a emancipação do proletariado; o que, entre outras coisas, significa que quer pôr fim à dominação de tutores, diretores, benfeitores, iniciadores, reveladores, políticos, inteligências doutrinárias, sábios diplomados, profetas e apóstolos, ou para resumir em uma palavra, os exploradores das massas. Ele quer pôr um fim a todas as direções e influências oficiais. A Internacional não sofre com governo, nem com a organização de cima para baixo em seu seio. Este é o significado, creio eu, do magnífico e legítimo protesto do Congresso franco-jurassiano que o senhor acaba de publicar em seu jornal. O Conselho Geral de Londres, cuja maioria prestou incontestavelmente grandes serviços à Internacional, esqueceu que era apenas um

¹ **Fonte:** CD-ROM Bakounine: Ouvres Completes, IHS de Amsterdã, 2000. **Tradução ao português:** Luciana Ribeiro de Brito, membra do Conselho Editorial do Projeto Obras Completas Mikhail Bakunin.

escriturário e acabou acreditando ser um governo. A Federação do Jura reunida com Seção dos Communards e outros socialistas-revolucionários da França refugiados em Genebra acaba de lembrá-la fraternalmente de sua missão muito mais modesta. Ela fez bem, pois assim que houvesse um governo, uma autoridade, uma ditadura na Internacional, o propósito desta última não seria mais a emancipação de todo o mundo, mas a dominação de alguns sobre todos, e a Internacional, perdendo toda razão de ser, deixaria de existir.

Isso significa que a Internacional exclui a influência legítima da ciência individual ou as boas ideias dos indivíduos sobre as massas? De modo algum - A mais ampla carreira está aberta à propaganda de cada indivíduo; e esta propaganda é de fato e permanecerá absolutamente livre, apesar das pretensões arrogantes do Conselho Geral, que tenta se colocar hoje como detentor da verdade oficial. Não pode haver em nossa grande associação nem dogma absoluto nem verdade oficial, da mesma forma que não pode haver governo. O pensamento, a força, a própria unidade da Internacional está embaixo, na identidade real da situação, nas necessidades e aspirações do proletariado de todos os países; no livre desenvolvimento de ideias e na federação absolutamente espontânea de seções autônomas através das fronteiras dos Estados; não em um pensamento oficial imposto de cima, nem em qualquer direção unitária e suprema.

Este sistema de organização verdadeiramente popular põe fim de uma vez por todas às ambições dos indivíduos, deixando uma carreira livre às suas influências naturais, que, agora privadas de todo caráter de autoridade e de poder oficial, podem trazer à comunidade todo o bem de que são capazes, sem jamais poderem fazer o mal, pelo menos de forma constante, e sem jamais poderem estabelecer seu domínio pessoal sob o pretexto da emancipação de todos. Desta forma, dentro de nossa grande Associação, as influências se substituem e se sucedem; elas se aniquilam mutuamente na coletividade. Hoje prevalece uma, amanhã outra. A coletividade as devora, as absorve e, no fim das contas, só ela progride; ela triunfa, dando a maior liberdade a todos, mas o domínio a ninguém. É claro que com tal sistema, não pode haver na Internacional nem individualidade preponderante, nem chefe de partido.

A outra razão que me fez ficar em silêncio por tanto tempo diante de toda a invectiva pessoal lançada por certos jornais mazzinianos é um sentimento de orgulho, o respeito que devo a mim mesmo e a aversão misturada com o desprezo que seus ataques me inspiraram. Foi dito que os estimados editores destes periódicos piedosos, espirituosos e verdadeiros como os devotos geralmente são, queriam competir uns com os outros em tolices, má fé e mau gosto. Não era mais uma polêmica, mas uma espécie de latido. O que eu poderia responder a esses artigos planos, grosseiros e insultantes, que às vezes reproduziam frases de Mazzini evidentemente mal compreendidas por aqueles que as repetiam, mas que na maioria das vezes, por falta de argumentos, repousavam sobre calúnias e até mesmo denúncias...?

Estas são as razões, editor cidadão, que me impuseram o silêncio até agora. No entanto, entre os muitos ataques que foram feitos contra mim nos jornais italianos, há dois que imperiosamente exigem uma resposta: o primeiro emanando do próprio Mazzini; o segundo muito estranhamente saído da caneta oficial do Sr. Frederic Engels, Secretário do Conselho Geral da Associação Internacional dos Trabalhadores pela Itália e pela Espanha. O primeiro, repetida três vezes em "La Roma del Popolo" por Mazzini, foi imediatamente reproduzido e comentado por "L'Unità Italiana" e sem dúvida também por outros jornais mazzinianos. Encontrei o segundo em seu jornal e no "Plebe de Lodi".

Se eu não respondi imediatamente, foi porque não tinha em mãos alguns documentos indispensáveis. Hoje eu os tenho e estou correndo para cumprir meu dever. A meu senhor, toda honra. Comecemos, então, com as acusações de Mazzini.

Você se lembrará, cidadão editor, que Mazzini, sem dúvida para dar à juventude italiana o exemplo austero de uma polêmica séria e consciente, simplesmente se divertiu atribuindo-me palavras que eu nunca havia proferido. Alguns amigos, em uma carta, cuja publicação ele me parece atribuir, tendo observado isto, eis o que ele respondeu em um longo artigo, intitulado "*Documenti sull'Internazionale*" (La Roma del Popolo, No. 38):

"É indigno dos homens que têm mais ou menos inteligência para entender a importância que deve ser dada às ideias e que falam de filosofia, do povo, da liberdade, da tolerância, usar o método, adotado por quase todos, de citar do adversário apenas o que, considerado isoladamente, pode favorecer as acusações, mas nunca o que as desmente (Qualquer pessoa que tenha lido os ataques furiosos, e tão pouco conscienciosas, de Mazzini à Internacional, à Comuna de Paris e aos defensores de ambas, não dirá que ele pronuncia sua própria condenação?), de condenar sem ler - de declarar regularmente, fazendo coro com a imprensa monárquica (que a Internacional é uma instituição perversa?) que as propostas de reforma social de um indivíduo ou de outro são insuficientes e ineficazes. A primeira lei para aqueles que desejam refutar as doutrinas de um partido ou de um indivíduo é, para as pessoas que respeitam o pensamento, lê-las, estudá-las. A segunda é não atacar as intenções no domínio das ideias"

São, sem dúvida, duas leis que devem ser escrupulosamente observadas por qualquer homem que deseje imiscuir-se em críticas conscienciosas. Mas será que cabe realmente a Mazzini recomendá-las, aquele cuja cada palavra contra a Internacional é uma prova ou de má fé insignificante ou de ignorância vergonhosa? E não é surpreendente que ele tenha tido a coragem de recomendá-los depois de ter publicado uma série de artigos contra nós, todos envenenados com insinuações maliciosas e ainda mais pérfidas, que sem nunca especificar suas acusações contra nós, fazendo-as desviarem ao invés de exprimi-las de maneira positiva destilando o veneno da calúnia no equívoco de suas expressões e nas generalidades elusivas de uma visão geral que é tão falsa quanto rápida?

Nosso espanto aumenta quando lemos as seguintes palavras:

"Eu, antes de escrever contra a Sociedade Internacional, reuni tudo o que pude sobre todos os atos, todas as declarações orais ou escritas de seus membros influentes"

Ao ler tal afirmação, saída da boca de Mazzini, não se deve acreditar que se encontrará em seus artigos (La Roma del Popolo. "*L'Internazionale*". *Cenno Storico*" Nos. 30 e 38; "*Documenti sull' Internazionale*" Nos. 38, 39 e 41) se não a história completa da Internacional, pelo menos um estudo sério das várias fases de seu prodigioso desenvolvimento, uma avaliação criteriosa baseada em um conhecimento real dos fatos. Mas que surpresa dolorosa deve ser para qualquer homem consciencioso quando, ao ler seus artigos, ele encontra, em vez deste resumo verídico, uma história repleta de mentiras, uma espécie de conto fantástico obviamente ditado pela má fé e que lembra aqueles belos livros de história que os bons pais de Jesus sabem tão bem como organizar para o ensino da juventude.

Sempre pensei que os idealistas em geral e os teólogos em particular só pudessem ser historiadores muito ruins. Falta-lhes a condição principal: respeito pelo que é, a

capacidade de compreender as coisas e os fatos em sua realidade e em sua vida própria. Eles sempre se misturam e contam a si mesmos em vez dos eventos e fenômenos, substituindo-os sem suspeitar, por seus próprios desejos, seus próprios pensamentos. Os idealistas são terríveis Procustos! Toda a história, a própria natureza, deve deitar-se em seu sistema, em sua cama, e provar o que quiserem provar. É assim que Spartacus, o escravo feroz e gladiador revoltado, o mesmo que encontra um prazer tão natural quanto feroz em forçar, seus senhores de ontem, os cidadãos da república romana, a se matarem uns aos outros por sua vez e a fazer de sua agonia um espetáculo para seus escravos vitoriosos, transformou-se, na apreciação histórica de Mazzini, em uma espécie de santo e o primeiro mártir da "religião republicana"! É assim que Prometeu (!), Sócrates, Jesus Cristo, Gregório VII, Dante, Savonarola, Michelangelo, John Huss, Galileo, Kepler, Lessing, Byron, Humboldt, e tantos outros grandes homens, reais ou fictícios e bastante surpresos por se encontrarem, tornaram-se os precursores desta nova religião da qual Mazzini é hoje o profeta! Eu sabia de tudo isso; mas foi só quando li os artigos de Mazzini contra a Internacional que pude medir o abismo de mentiras, erros, falsidade, injustiça e arbitrariedade que se encontra no fundo de toda mente verdadeiramente teológica. É impossível para mim listar aqui uma a uma todas as falsas afirmações de Mazzini, e dificilmente há uma única que seja justa. Contentar-me-ei em indicar algumas delas, as principais, reservando-me o direito de examiná-las em muito maior detalhe, e de restabelecer os fatos que ele consciente ou inconscientemente falsificou, quando eu tiver lido a nova brochura que seu jornal anuncia hoje sob este título: "Mazzini e a Internacional". Mazzini começa com um erro ou uma mentira, conforme o caso, um dos quais não lhe pode fazer mais honra que o outro: ele parece atribuir a elaboração do primeiro manifesto da Internacional emanado do Conselho Geral Provisório (em outubro [novembro] de 1864) aos cidadãos ingleses Odger e Cremer, que o assinaram, e ele não diz uma palavra sobre Karl Marx, que, tanto quanto se sabe, e o próprio Mazzini não pode desconhecê-lo, foi o único autor deste notável documento.

Mazzini declara-se bastante satisfeito com ele, exceto que rejeita absolutamente seu pensamento fundamental, o da subordinação da questão política à questão econômica. É seu direito. Ele não é um teólogo e um político burguês por nada; acho, portanto, bastante natural que ele censure o manifesto por ter aberto o caminho para o que ele chama de materialismo de interesses, ou seja, para esta questão ardente e suprema do pão do trabalhador que é a condição de sua liberdade. Mas o que não honra o discernimento de Mazzini é que ele concluiu que, em sua origem, a Associação Internacional de Trabalhadores tinha apenas uma tendência exclusivamente econômica, absolutamente alheia à política.

Se Mazzini, em vez de procurar neste Manifesto apenas as poucas frases que lhe pareciam favoráveis ao seu argumento, tivesse se dado ao trabalho de lê-lo em sua totalidade, teria encontrado as seguintes passagens²:

"A conquista do poder político (eu teria dito a abolição de todo poder político) tornou-se assim o primeiro dever da classe trabalhadora. Ela parece ter compreendido isto, pois na Inglaterra, na Alemanha, na Itália, na França, vimos renascer, ao mesmo tempo, as aspirações comuns, e ao mesmo tempo também foram feitos esforços para reorganizar politicamente o partido dos trabalhadores."

² Manifesto da Associação Internacional de Trabalhadores. 1864 – Bruxelas.

E mais adiante: *"A experiência nos ensinou como o esquecimento daqueles laços fraternos que devem existir entre os trabalhadores de diferentes países (fraternidade que Mazzini, embora afirmando o contrário, precisamente não quer, porque seria um perigo para sua religião nacional) e que os anima a apoiarem-se mutuamente em todas as suas lutas pela emancipação, será punido com a derrota comum de seus diversos empreendimentos"*. E mais adiante: *"Se a emancipação dos trabalhadores requer, para estar assegurada, sua cooperação fraterna, como eles podem cumprir esta grande missão, se uma política externa, movida por desígnios criminosos e trazendo em jogo preconceitos nacionais, derrama nas guerras dos piratas o sangue e o dinheiro do povo?"*. Finalmente, o manifesto convida os trabalhadores de todos os países a *"conhecer os mistérios da política internacional, a observar a conduta diplomática de seus respectivos governos, a combatê-la, se necessário, por todos os meios ao seu alcance e, por fim, quando não tiverem poder para impedi-la, a concordar em um protesto comum e a reivindicar as leis da moralidade e da justiça, que devem reger as relações dos indivíduos, como regra suprema das relações entre as nações"*.

"Lutar por uma política externa desta natureza é tomar parte na luta geral pela emancipação dos trabalhadores.

Proletários de todos os países, uni-vos!"

Aqui está o famoso Manifesto de 1864 emanado do Conselho Geral Provisório da Associação Internacional dos Trabalhadores, fundada em Londres em 28 de setembro de 1864, em reunião no St. Martin's Hall, por trabalhadores ingleses, franceses, belgas, italianos e alemães. A este manifesto foram anexados, sob o título de Regulamento Provisório, os magníficos considerandos, que dois anos depois foram votados pelo Congresso de Genebra com modificações insignificantes e que resumem em muito poucas palavras todo o Catecismo da Internacional.

Nunca me cansarei de reproduzi-los. Aqui estão eles:

"Que a emancipação dos trabalhadores deve ser obra dos próprios trabalhadores".

Ideia profunda, saída da consciência moderna do proletariado de todos os países, e que constata o abismo que separa hoje as aspirações populares de todos os partidos políticos da burguesia, incluindo, é claro, o partido mazziniano. O povo, que tem suas próprias tradições históricas, e na maioria das vezes muito diferentes daquelas registradas em nossos livros de história, escritos em sua maioria por burgueses idealistas e tradicionalistas e muito desinteressados pela multidão, aquela carne vil do Estado - o povo, advertido por experiências cruéis, está finalmente começando a entender unanimemente e em todos os países, que nada deve esperar da generosidade e justiça das classes privilegiadas em geral, e particularmente da classe burguesa, que hoje abraça propriamente todas as outras, o proletariado não constituindo uma classe, mas a massa dos eternamente explorados e oprimidos. Que é bem possível que um pequeno número de indivíduos generosos, nascidos em privilégio, mas inspirados por uma grande paixão pela justiça e desdenhosos de seus próprios interesses pessoais, se dediquem francamente a sua causa; mas que é contrário a todas as leis naturais que regem a sociedade humana, assim como a todos os ensinamentos da história, que toda uma classe, cuja liberdade e bem-estar exclusivos se baseiam precisamente na miséria e na escravidão do proletariado, deseje a emancipação do proletariado. Que é pela força que a própria burguesia se

emancipou do duplo jugo da Igreja e da aristocracia nobiliária, e que é somente pela força que o proletariado poderá se emancipar do jugo da burguesia; ou ao menos pela demonstração de sua força, diante da qual a burguesia, se quiser ser sábia, cederá; e então, em vez daquela revolução sangrenta que paira sobre todas as cabeças privilegiadas hoje, e que sem dúvida será uma terrível desgraça, mas uma inevitável desgraça, e cuja culpa toda cairá sobre a obstinação tola dos burgueses, haveria uma revolução pacífica, uma transformação amigável da sociedade atual, através de uma série de reformas econômicas, não ilusórias, do tipo proposto pela ingenuidade econômica e pelo socialismo celestial de Mazzini, mas muito reais, muito sérias, e que implicariam necessariamente e imediatamente uma diminuição considerável da riqueza exclusiva dos burgueses. Todos nós queremos esta solução pacífica, porque não somos jacobinos e não gostamos que o sangue humano seja derramado, mesmo o de nossos inimigos mais encarnados. São os burgueses que são sanguinários, não o povo. Basta comparar o número de vítimas da revolução parisiense com as dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças assassinados pela reação burguesa de Versalhes, e se verá de que lado está a humanidade.

É preciso ser um teólogo como Mazzini para ter ousado acusar a Comuna de Paris de crueldade. Além disso, o socialismo, materialista e ateu, negador de Deus e do livre arbítrio, sabe que todos os indivíduos humanos, tanto os mais perversos quanto os mais virtuosos, os mais inteligentes e os mais odiosos, são produtos da organização natural, econômica e política da sociedade, e que para moralizar os homens é necessário moralizar as instituições - estabelecer a igualdade econômica e social. Portanto, os socialistas nunca atacam as cabeças, mas apenas os bolsos dos indivíduos privilegiados. Coloque o mais terrível déspota ou o maior acumulador de riqueza em uma situação em que ele só pode viver trabalhando como todo mundo, tire o poder de oprimir e a possibilidade de se enriquecer com o trabalho dos outros, e você os verá se tornarem muito humanos. Para moralizar os homens, portanto, devemos igualar suas condições econômicas e sociais.

Todos nós desejamos que esta equalização possa ocorrer através de uma série de transações pacíficas. Mas, infelizmente, hoje menos do que nunca, esperamos por isso. É um fato comprovado por toda a história, que as classes que estão condenadas a perecer, se obstinam em sua iniquidade, e nunca cedem, exceto à força. É, portanto, com profunda tristeza, amargura e indignação contra Mazzini, que o ouvimos fazer e repetir aos trabalhadores italianos os discursos seguintes:

"Quando Cristo veio e mudou a face do mundo (o que é uma mentira histórica, porque não é Cristo, mas a força das coisas e o movimento natural inerente à sociedade humana que quer modificar este último; e, além disso, o proletariado, de fato, continua sendo um escravo) ele não falou de direitos aos ricos que não precisavam conquistá-los, nem falou sobre os pobres que poderiam ter abusado deles, como fizeram os ricos; ele não falava de benefícios ou interesses a pessoas cujos benefícios e interesses tinham corrompido (outra mentira, não são interesses materiais, sem cujo desenvolvimento nenhuma sociedade humana pode progredir, ou mesmo viver, mas a exploração iníqua desses interesses em benefício exclusivo das classes privilegiadas que corrompeu esses últimos) ele falou de Dever, ele falou de Amor, de Sacrifício, de Fé: ele disse que somente ele seria o primeiro entre todos que teriam feito todos se beneficiarem de seus atos". (Estas palavras têm sido lidas e observadas oficialmente em todas as igrejas cristãs há mais de 15 séculos, mas o privilégio social hoje é mais brutal, mais opressivo do que nunca e, além disso, é a própria Igreja cristã que tem consagrado e ainda abençoa todas as desigualdades)... *"Ogni atto de Christo* (Mazzini, apesar de todas as críticas eruditas dos nossos dias, que provaram que os Evangelhos não passam de uma coleção de contos

de velhas, absurdos, impossíveis e que não sabemos nada da vida real do Cristo histórico, ainda acredita na verdade dos relatos evangélicos!) - *ogni atto di Christo rappresentava la fede ch'ei predicava e intorno a lui v'erano apostoli (como diriam hoje Saffi, Petroni, Brusco, Beghelli, etc.) che incarnavano nei loro atti la fede ch'essi avevano accettato. Siate tali e vincerete. Predicate il Dovere agli uomini delle classi che vi stanno sopra e compite, per quanto e possibile, i doveri vostri: predicate la virtù, il sacrificio, l'amore; e stati virtuosi, e pronti al sacrificio e all'amore"*

O manuscrito acaba aqui.